

Crítica impressionista

Anda bastante em voga, na crítica, certo dogmatismo que procura desacreditar a eficácia das impressões pessoais, afirmando ser possível chegar a um resultado preciso, universalmente válido, acessível a qualquer espírito armado de método. Há nisso muito de útil e algo de verdadeiro; nem é a primeira vez que se procura, generosamente, suprimir a impressão pessoal em benefício de uma rigorosa objetividade. Há quase cem anos, o jovem Capistrano de Abreu, embriagado de naturalismo, afirmava que há dois tipos de crítica: a *qualitativa*, refletindo a opinião pessoal, e a *quantitativa*, científica, baseada no conhecimento dos fatores externos e, portanto, capaz de alcançar a verdade, pelo conhecimento do determinismo. Hoje, basta trocar a história, a geografia e a fisiologia pela psicologia, a estilística e a estética, e teremos formulações bem parecidas. No fundo, umas e outras exprimem a permanente ânsia de certeza do espírito, procurando banir a dúvida e o mais-ou-menos, proscrevendo o que é “ondulante e móvel” na apreciação literária.

Mas esta sinuosa mobilidade do espírito não seria justamente o nervo da crítica; e não seria o gosto do homem culto a bússola mais segura, em águas tão esquivas à medição das sondas? Na verdade abrangemos coisas demais sob o rótulo de crítica. Propriamente dita, ela talvez seja, antes de tudo, apreciação de cunho pessoal, como a desenvolveu o jornalismo no século XIX. Se não quisermos dar demasiada extensão ao termo, seria conveniente, para clareza das posições, distingui-lo, se não na prática, ao menos em princípio, da estilística, da história, da teoria, da erudição e da estética literária. Em cada uma dessas, o chamado “coeficiente humanístico”, isto é a quota de subjetivismo em toda investigação intelectual, pode esbater-se a favor dos rigores técnicos; no limite, poder-se-ia mesmo admitir, nelas, a redução total do arbítrio. Mas na crítica propriamente dita, este é não apenas inevitável, mas recomendável e benéfico. Para escândalo de muitos, digamos que a crítica nutrida do ponto de vista pessoal de um leitor inteligente, — o malfadado “impressionismo”, — é a crítica por excelência e pode ser considerada, como queria um dos seus mais altos e repudiados mestres, aventura do espírito entre os livros. Se for eficaz, estará assegurada a ligação entre a obra e o leitor, a literatura e a vida quotidiana, — sem prejuízo do trabalho de investigação erudita, análise estrutural, filiações genéticas, interpretação simbólica, atualmente preferidas pelo investigador da literatura, prestes a envergar de novo a toga do retórico. Inversamente, se ela não existir, perder-se-á este ligamento vivo, e os críticos serão especialistas, no sentido que a palavra assumiu na ciência e na técnica. Ora, isto poderia ser riqueza de um lado, mas, de outro, empobrecimento essencial, pois as águas ondulantes da literatura revelam muitos dos seus arcanos aos barcos ligeiros, que as singram familiarmente, mais do que à perspectiva solene dos couraçados.

Sob este aspecto, urge reabilitar o impressionismo, que muitos tendem a confundir com a leviandade e a preguiça, mas que só é autêntico se o crítico for eru-

dito e inteligente como um especialista, sem perder ao mesmo tempo confiança nas próprias reações. Impressionista foi de certo modo o grão-padre da crítica moderna de jornal, Sainte-Beuve, que penava a semana inteira sobre as suas laudas e fichas, nutrindo a impressão com os filtros da sapiência. Impressionista é todo aquele que prepara um artigo de uma semana para outra, baseado mais na intuição que na pesquisa, e se exprimindo sem espírito de sistema. De tais impressionistas se fez a crítica moderna, dando não raro pistas ao erudito, ao historiador, ao esteta da literatura, e deles recebendo a retribuição em pesquisa e explicação. Por que suprimi-los? O século XIX, que nada teve de estúpido, como quis um brilhante energúmeno, mas foi um dos momentos mais elevados da história do homem, — o século XIX, se não criou, desenvolveu e deu forma nobre ao jornalismo crítico. E Thibaudet, um dos maiores da grei, nos lembra que a crítica moderna é ininteligível sem a aliança com o jornal e o liberalismo. Não podemos, é claro, restringir o estudo da literatura à apreciação individual, baseada em leitura rápida; mas dificilmente conceberemos um crítico verdadeiro que seja incapaz dela. Criticar é apreciar; apreciar é discernir; discernir é ter gosto; ter gosto é ser dotado de intuição literária.

Estas reflexões me vieram à leitura da presente coletânea de Plínio Barreto, que encarna, admiravelmente, as melhores e mais sólidas qualidades do jornalismo crítico. Na literatura, passeia a sua cultura e a sua sensibilidade, oferecendo aos outros a messe da excursão. Não é um teórico nem um erudito, não é um esteta nem um novo retórico; é um crítico. Lê, sente, pensa, intui certos traços esclarecedores e organiza as impressões em torno de alguns princípios solidamente estabelecidos, mas apresentados com leveza. As vigílias de estudo, a riqueza de informação, a solidez do conhecimento, — lendárias nesse asceta da inteligência, — são apenas pressupostos na densidade elegante dos ensaios. Fiel às tradições humanísticas, fiel às concepções oitocentistas de jornalismo crítico, fiel sobretudo à linha francesa de equilíbrio, decoro e razão, parecer-lhe-iam por certo descabidas as glosas e exegeses, as notas e as alegações. A família de espíritos a que pertence tira da conversa polida e espirituosa a diretriz da prosa escrita. Nada mais longe do arquivo e do documento, pois a letra deve aparecer como molde da vida, dos interesses que formam o tecido da condição humana. Neste sentido, a crítica de jornal é civilizadora, desbastando o tecnicismo das especialidades para ressaltar o traço que vincula o leitor à experiência da obra. Criticar, então, é mostrar o humano, “ondulante e diverso”, sob os caprichos da forma.

Por isso, a crítica de Plínio Barreto é essencialmente de conteúdo. Embora saiba caracterizar os estilos com mão segura, em breves indicações, sentimos no fundo dos seus artigos, como nos mestres franceses, que o interesse real é a face do homem refletida ou transfigurada nas artes. Nos presentes ensaios é clara esta busca, este interesse constante e profundo, não obstante sereno e ponderado. Em cada um deles, sentimos o crítico escolhendo exemplos, traçando linhas, concentrando forças para ressaltar o aspecto humano. Seja a definição dos *indivíduos* exemplares, como Voltaire, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato; seja a exposição de *situações* humanas, como nos estudos sobre *Os interesses da companhia*, de Gilberto

Amado, ou *Belazarte*, de Mário de Andrade; seja, afinal, a constatação dos *problemas* sociais, como nos estudos sobre Jorge Amado, Oswald de Andrade, José Lins do Rego. Em todos estes casos, um senso vivo da integridade artística, manifesto nos trechos citados com muito propósito para revelar o estilo, as tendências, as peculiaridades, as preocupações, — podendo-se mesmo dizer dele, como se disse de Charles Du Bos, que a sua crítica é um tecido de comentários penetrantes sobre citações bem escolhidas.

Esta atração pelo humano ressalta nítida em certos ensaios, — sobre Valdomiro Silveira, por exemplo, onde o retrato do homem é sucedido pelo estudo da obra. Naquele, sublinha a bondade, a simpatia humana, a doçura; nesta, em consequência, pesquisa as componentes sentimentais, sobretudo as graças do amor. No ericado Euclides da Cunha, procura a meiguice e o carinho, mostrando-os nas cartas íntimas que publica e nos comentários que as enriquecem. Compreensivo para com as falhas de Voltaire, só as apresenta a fim de ressaltar a sua grandeza intelectual. Por isso, não espanta que os seus melhores recursos apareçam nos estudos de personalidade, que para Sainte-Beuve eram a finalidade suprema da crítica. O perfil do Conselheiro Antônio Prado, — homem de ação, não intelectual, — seria o caso-limite da sua crítica; o de Machado de Assis, um grande artista, o caso mais ilustrativo e revelador.

Neste belo estudo, Plínio Barreto, como o verdadeiro crítico jornalista, nada *descobre* (tarefa de investigador), mas tudo *revela*. Dos dados fornecidos pela biografia e pela leitura pessoal, pelo conhecimento da época e fortuna da obra, extrai o seu Machado de Assis, deixando-nos apreciar o tato da análise e o princípio diretor da sua crítica, isto é, expor as características de uma personalidade literária por meio dos traços que a visão pessoal selecionou, ao considerá-los mais significativos. No caso do autor de *Brás Cubas*, a visão de Plínio Barreto poderia ser indicada por meio de um conceito: o de decoro. Se bem atentarmos, veremos que todas as suas reflexões giram em torno dele. Decoro que não é pudor nem senso de medida, respeito de si mesmo nem consciência artesanal, porque é tudo isso. O crítico tem noção da imensa complexidade dessa obra, e longe estaria de resumi-la numa fórmula; por isso, procura apresentá-la em toda a variedade. Mas, no fundo de tudo, sentimos a referência permanente ao homem Machado de Assis, e, nele, a essa qualidade misteriosa que não sei como qualificar, e só é decoro se for ao mesmo tempo força, drama, ironia, dilaceramento do ser e catástrofe do mundo, — mas contidos na elegância sem par da forma, no equilíbrio que, pressupondo desequilíbrios terríveis, é vitória do espírito.

Plínio Barreto mostrou admiravelmente este decoro, no nosso maior escritor, destrinchando da obra o traço rico da personalidade. Noutros estudos, são outros elementos que ressalta, segundo o significado de cada caso. Mas na sua crítica, poderíamos também dizer que sobrepassa um decoro permanente, — na forma, contida e firme; nas idéias, equilibradas e lúcidas; nas preferências, completadas pela imparcialidade e a honestidade intelectual. Se a sua formação o aparelha para sentir melhor os clássicos e os que deles se aproximam, o fato é que poucos perceberam melhor o irregular Oswald de Andrade, ou o patético Otávio de Faria; e dificilmente encontra-

remos, sobre Mário de Andrade, caracterização mais justa e penetrante que a do estudo sobre *Belasarte*. É que, para os críticos, como este, cientes da sua tarefa, voltados para o sentido humano da literatura, pára sobre as preferências a acerada disponibilidade do gosto, captando beleza onde estiver, e oferecendo ao leitor o espetáculo de um espírito livre, nutrido no comércio sereno dos livros, sem tecnicismo nem dogma, liberal e jornalístico no melhor sentido do Thibaudet.

São Paulo, maio de 1958.